

# Vidas que cultivam saberes: um olhar para as histórias de mulheres (da roça) pernambucanas

Maria Carolina Machado Magnus<sup>1</sup>  
Iranete Maria da Silva Lima<sup>2</sup>

## Resumo

O presente texto apresenta uma pesquisa que está sendo realizada no quadro de um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – Edumatec, na Universidade Federal de Pernambuco, que objetiva contar histórias de vida de mulheres da roça e suas relações com a Educação e a Matemática. Trata-se de um recorte da pesquisa intitulada “Histórias de Vida: mulheres, roça, educação e matemática”, vinculada ao Departamento de Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina. Referencia-se em estudos sobre a história de vida, as relações de gênero e a Educação Matemática. Para contar essas histórias serão realizadas entrevistas semiestruturadas presenciais com mulheres pernambucanas que se identificam como sendo “da roça”, que contemplarão perguntas sobre família, roça, Educação e Matemática. Considerando que o estudo está em fase inicial, os resultados serão apresentados em publicações posteriores. Espera-se – com base em resultados obtidos em outras etapas da pesquisa – compreender os processos pelos quais as mulheres se constituem da roça; problematizar as relações de gênero em contextos do campo pernambucano, mais precisamente, da Região Agreste; e dar uma maior visibilidade às barreiras enfrentadas pelas mulheres da roça para estudar, a partir das relações com a Educação e a Matemática.

**Palavras-chave:** Educação, Matemática; Roça, Mulheres da roça.

## 1. Introdução

Apresentamos os elementos estruturantes de uma pesquisa que está sendo realizada no quadro de um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (Edumatec) da Universidade Federal de Pernambuco. Inserida em uma pesquisa mais ampla que se intitula “Histórias de Vida: mulheres, roça, educação e matemática”<sup>3</sup>, objetivamos contar histórias de vida de mulheres pernambucanas da roça, a Educação e a Matemática. Para tanto, buscaremos: relatar como as relações engendradas com a roça, com a educação e a Matemática foram importantes na constituição dessas mulheres; e analisar como o ensino de matemática é/era abordado nas escolas e como essas mulheres se relacionam/relacionavam com a Matemática, de modo a evidenciar e problematizar as questões de gêneros.

---

<sup>1</sup> Estágio pós-doutoral em andamento na Universidade Federal de Pernambuco. maria.magnus87@gmail.com

<sup>2</sup> Professora titular e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco. iranete.lima@ufpe.br

<sup>3</sup> A pesquisa de pós-doutorado está relacionada ao projeto intitulado “Histórias de vida: mulheres, roça, educação e matemática”, vinculado ao Departamento de Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, aprovado no Comitê de Ética sob o número 6.997.387.

Contar a história de vida de alguém é sempre um desafio a ser encarado, na medida em que, como afirma Albuquerque Júnior (2007, p. 7) “a vida de qualquer indivíduo está sempre em excesso em relação às palavras que falam sobre ela. Nenhum enredo é capaz de fazer aparecer em toda a sua multiplicidade a vida de qualquer pessoa.”. Falar de si e dos outros, rememorar momentos e narrar fatos, dão visibilidade às nossas histórias enquanto professoras, alunas, mães, esposas, trabalhadoras, agricultoras, bordadeiras e artesãs, entre outras qualificações que nos constituem mulheres. No desenvolvimento da pesquisa, não temos a intenção de abranger tais multiplicidades, mas contemplar como as mulheres da roça, no campo investigado, vão se constituindo – em diferentes momentos e espaços – a partir da própria roça e de suas relações com a Educação e a Matemática.

## **2. Histórias das Mulheres Camponesas**

As histórias das mulheres do campo, das águas e das florestas são marcadas por invisibilidades, lutas e resistências contra a cultura machista e patriarcal. Elas são constituídas por múltiplas funções que incluem “cuidados com a casa e a família e o trabalho na lavoura, tendo, muitas vezes, sua contribuição produtiva e econômica, invisível na trama das relações sociais” (Gonçalves; Guimarães, 2017, p. 234).

As histórias das mulheres camponesas são marcadas também pelas funções que desempenham e por suas atribuições na agricultura, embora não fossem reconhecidas como trabalho até o final dos anos 1980. Somente a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Brasil, 1988), a luta dessas mulheres, fruto de muitas lutas dos movimentos sociais, culminou no reconhecimento de seus direitos como trabalhadoras rurais/agricultoras. Schnorrenberger e Angelin (2018) assinalam que, pela primeira vez, essas trabalhadoras passaram a ter direitos previdenciários, a exemplo da aposentadoria, que reverberaram em uma maior autonomia financeira e consequente participação nas decisões familiares.

No entanto, muitas mulheres ainda não possuíam os documentos necessários para acessar tais direitos e isso motivou a implementação de uma campanha para emissão dos documentos. Em 1997, a *Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais* (ANMTR) lançou a *Campanha Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural* — “Nenhuma Trabalhadora Rural sem Documento”. Mais tarde, em 2004, o *Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural* (PNDTR), criado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, passou a garantir a emissão gratuita de documentos civis e trabalhistas, em articulação com governos e movimentos sociais. Segundo informações da *Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura* (CONTAG), no período de

2004 a 2015 foram emitidos mais de 3,8 milhões de documentos para cerca de 1,4 milhão de mulheres<sup>4</sup>.

Em relação à Educação das mulheres do campo, no *I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres* (Brasil, 2004, p.35, grifos nossos), lemos que “a população residente no campo é de aproximadamente 32 milhões e corresponde a 31% da população brasileira. Nesse universo, 45,5% são mulheres que, diferentemente daquelas do meio urbano, são **menos instruídas do que os homens**”. No *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres* (Brasil, 2008) enfatiza-se que o acesso à educação é menor entre meninas e mulheres do campo em comparação com as urbanas. O texto do *III Plano Nacional de Políticas para Mulheres* (Brasil, 2013) reconhece que a educação brasileira ainda não havia incorporado, em sua plenitude, o princípio da igualdade de gênero. Embora houvesse um equilíbrio entre as matrículas em quase todos os níveis de ensino, a desigualdade permanecia nos conteúdos educacionais, nos cursos e nas carreiras acessados por mulheres e homens. Ainda, entre as mulheres, no *III Plano* é dito que a taxa de analfabetismo das mulheres negras é o dobro da taxa das mulheres brancas e o acesso à Educação das meninas e mulheres das áreas rurais é menor, em comparação com aquelas que vivem nas áreas urbanas.

### **3. Relações de Gênero e Educação Matemática**

Estudos sobre relações de gênero e Educação Matemática têm problematizado o enunciado “os homens são melhores em matemática do que as mulheres”. Para Souza e Fonseca (2010, p.13) “é necessário indagar-nos sobre por que, ainda nos dias atuais, as coisas estão postas dessa forma, subsistindo, como uma verdade, que os homens são melhores em Matemática que as mulheres”. Para as autoras, “o discurso da superioridade masculina em matemática que produz a racionalidade como própria do masculino, e a irracionalidade como própria do feminino, multiplica-se em nossa sociedade moderna, *associando-se a enunciados de outros campos*” (Souza, Fonseca, 2010, p. 62, grifos das autoras). Exemplos disso pode ser a utilização que se faz, muitas vezes, da Biologia para justificar as diferenças, em discussões sobre a genética ou da Psicologia para rotular a mulher como mais afetiva, mais emocional e menos racional.

Afinal, as mulheres não são boas em Matemática? Afetividade e emoção não fazem parte do masculino? Afetividade e emoção não dialogam com a Matemática?

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em <https://ww2.contag.org.br/encontro-avalia-os-11-anos-do-programa-nacional-de-documentacao-da-trabalhadora-rural-20151119> . Acesso em 13 set, 2025.

Racionalidade não faz parte do feminino? Como as mulheres da roça<sup>5</sup> se relacionam com a Matemática? Elas se consideram boas em Matemática? Como elas percebem as relações de gênero nos processos de ensino e de aprendizagem em Matemática? Como e por que as afirmações sobre a superioridade do homem ainda ganham espaços e visibilidades em nossa sociedade?

Questionamentos como esses que permitem o debate sobre a “superioridade” e o “protagonismo”<sup>6</sup> masculino ganham destaque em projetos que visam incentivar meninas e mulheres a desenvolverem pesquisas nas áreas da Matemática e das Ciências. É o caso dos projetos *Mulheres Cientistas* (UFSC), *Mulheres na Matemática* (UFF) e *Meninas nas Ciências* (UFF), e do *Programa Meninas Olímpicas* (IMPA). Destaca-se também o *Programa Mulher e Ciência*, lançado pelo CNPq em 2005, com a finalidade de incentivar a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismo no país, além de promover a participação das mulheres no campo das Ciências e incentivar suas carreiras acadêmicas.

Nesse vasto campo de pesquisa, nos interessamos, em particular, pelas relações de gênero na Matemática, a partir das histórias de vida de mulheres da roça. Consideramos que analisar essas relações nos permitirá problematizar questões relativas aos processos de ensino e de aprendizagem, bem como as relações de gênero que atravessaram suas vivências escolares. Conhecer as histórias que serão compartilhadas pelas mulheres poderá contribuir para a melhoria do ensino de matemática em escolas do campo e a dar uma visibilidade às mulheres como protagonistas de suas aprendizagens matemáticas.

#### **4. Procedimentos Metodológicos**

Ainda hoje são poucas as mulheres lembradas e consideradas pela historiografia e, quando o são,

[...] geralmente ‘só foram alguém, por terem sido esposas de alguém importante, que as fez ser...’ ou porque foi ‘santa’ sendo morta, sacrificada pela causa dos outros, etc. Além disso, **o padrão existente**

---

<sup>5</sup> “Mulher camponesa, é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas.”. Disponível em <https://mmcbrasil.org/historia/>. Acesso em: 13 set, 2025,

<sup>6</sup> As mulheres também têm um papel fundamental na história da matemática, mas, suas conquistas muitas vezes foram invisibilizadas, como é o caso de Hipátia de Alexandria. Entre os grandes nomes da Matemática no Brasil, destacamos a pernambucana Maria Laura Mouzinho Leite Lopes que foi a primeira doutora em Matemática e a primeira mulher a se tornar Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, em 1951.

**na sociedade é urbano, então, menos ainda se sabe sobre mulheres camponesas** (Conte; Martins; Daron, 2009, p. 87, grifos nossos).

Esse apagamento reflete não apenas uma invisibilidade individual, mas uma que é sistemática e de todo um segmento social. Em um contexto em que o padrão dominante é urbano, menos ainda se sabe sobre as mulheres camponesas. Reconhecê-las enquanto protagonistas — e não apenas como extensões de figuras masculinas — é um ato de justiça historiográfica, política e epistemológica.

Valorizar as memórias individuais também significa acessar “[...] uma memória social, familiar e grupal” (Bosi, 1987, p. 39). Ao fazê-lo, buscamos os acentos coletivos estabelecidos nas trajetórias e na constituição dessas mulheres como identidades da roça. Para tanto, é fundamental compreender que o processo de recolher memórias:

[...] se dá no tempo do encontro. Pesquisador e sujeito ao iniciarem esse processo aceitam um convite de compartilharem uma nova experiência, quando o pesquisador deve repensar constantemente os lugares estabelecidos. A história de vida ressalta a abertura ao sujeito que narra e para isso esse encontro necessitará de interação e afeto. (Nogueira et al, 2017, p. 483).

Contar essas histórias permite dar visibilidade às mulheres pernambucanas, mais precisamente da Região Agreste, que se identificam como “mulheres da roça”. Para produzir os dados da pesquisa, realizaremos entrevistas semiestruturadas presenciais, com um número de mulheres que ainda será delimitado, em função dos seus perfis e da voluntariedade para participar do estudo. Nos encontros, buscaremos acessar com responsabilidade e sensibilidade aspectos relacionados à família, à vida no campo, à educação e à Matemática, visando compreender, por um lado, suas experiências de vida e, por outro, suas perspectivas de futuro.

## **5. Resultados Esperados**

Com o desenvolvimento da pesquisa pretendemos ter acesso às experiências de mulheres pernambucanas que se identificam como sendo da roça, especialmente no que se refere às suas trajetórias educacionais e às formas como a Matemática é vivenciada e integrada em seus cotidianos. Tomando por base os já resultados obtidos em outros recortes da pesquisa mais ampla na qual o estágio pós-doutoral se insere, esperamos:

- Compreender os processos pelos quais as mulheres se constituem enquanto mulheres da roça através das suas relações com a roça, com a educação e com a matemática;
- Problematizar as relações de gênero no contexto do campo do Agreste Pernambucano, considerando que a divisão do trabalho com base no gênero, acaba conferindo à mulher camponesa jornadas mais duras, além de serem responsabilizadas pelos cuidados com a família, manutenção do ambiente doméstico e atuação na produção agrícola (Faleiro; Farias, 2017);
- Dar maior visibilidade às barreiras enfrentadas pelas mulheres para estudar. Com efeito, a pesquisa realizada em Santa Catarina revelou que as mulheres foram impedidas de frequentar a escola, ou retiradas muito cedo pelos pais, por considerarem que “a escola não era lugar para mulher”. Como destacou Almeida (2010), o patriarcado definia e, acrescentamos, ainda tenta definir os papéis, as funções e as posições sociais que cada gênero pode e deve ocupar na sociedade;
- Analisar como se dá as relações de gênero com relação ao ensino de matemática nas escolas de campo, levando-se em conta que a “superioridade masculina em matemática” foi mencionada pelas mulheres catarinenses (Souza e Fonseca, 2010).

À guisa de conclusão, cabe destacar que o fato de as duas partes da pesquisa serem desenvolvidas com mulheres de territórios distintos poderão fazer emergir diferentes resultados que contribuirão para o fortalecimento do campo de pesquisa que relaciona a Educação do Campo e a Educação Matemática.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O pensador de todas as solidões: Michel Foucault, uma biografia intelectual. **Revista Educação - especial Biblioteca do Professor 3**: Foucault pensa a Educação. São Paulo, p. 6-15, 1º mar. 2007.

ALMEIDA, J, P. As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas, 2010. **Dissertação** (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2010.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP. 1987.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2004. 104 p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. 236 p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p.

CONTE, I. I.; MARTINS, M. D.; DARON, V. P. Movimento de mulheres camponesas: na luta a constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa. In: PALUDO, Conceição [Org.]. **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

FALEIRO, W.; FARIAS, M. N. Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017.

GUIMARÃES, S. M.; GONÇALVES, R. Q. Relações de gênero e divisão sexual do trabalho no meio rural: interlocuções com o movimento social “Marcha das Margaridas”. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 231–251, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n1p231>. Acesso em: 13 set. 2025.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A.; ARAÚJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 466–485, ago. 2017. Disponível em: [https://seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/2454](https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2454). Acesso em: 30 maio 2025.

SCHNORRENBERGER, N.; ANGELIN, R. Mulheres camponesas no Brasil: a luta por direitos de cidadania e reconhecimento identitário. **RBSD – Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 5, n. 3, p. 38-57, set./dez. 2018.

SOUZA, M. C. R. F. D.; FONSECA, M. D. C. F. R. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.